

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

DENILSON DE SOUZA NEVES

Notas sobre a produção poética de Paulo Colina

Rio de Janeiro

2024

DENILSON DE SOUZA NEVES

Notas sobre a produção poética de Paulo Colina

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientador: Professor Dr. Eduardo dos Santos Coelho.

Rio de Janeiro

2024

CIP - Catalogação na Publicação

d518n de Souza Neves, Denilson
Notas sobre a produção poética de Paulo Colina /
Denilson de Souza Neves. -- Rio de Janeiro, 2024.
31 f.

Orientador: Eduardo dos Santos Coelho.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2024.

1. Paulo Colina. 2. Poesia brasileira. 3. Poesia
contemporânea. 4. Questão racial. 5. Racismo. I. dos
Santos Coelho, Eduardo, orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

DENILSON DE SOUZA NEVES

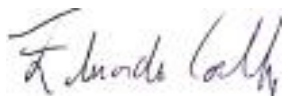
DRE: 117060965

NOTAS SOBRE A PRODUÇÃO POÉTICA DE PAULO COLINA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Data de avaliação: 10/01/2024

Banca Examinadora:



NOTA: 10,0

Nome completo do Orientador – Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Eduardo dos Santos Coelho/Faculdade de Letras/UFRJ

Martha Alkimin

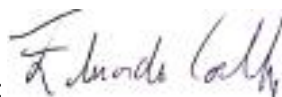
NOTA: 10,0

Nome completo do Leitor Crítico

Prof. Dra. Martha Alkimin de Araújo Vieira

MÉDIA: 10,0

Assinaturas dos avaliadores:



AGRADECIMENTOS

Esta monografia é fruto de diferentes esforços do seu autor, e só foi possível graças ao apoio que recebeu durante o processo de pesquisa, escrita e revisão. Aqui seguem registrados, portanto, agradecimentos ao professor Eduardo Coelho, pela orientação otimamente conduzida e por suas inúmeras contribuições no horizonte da valorização da poesia brasileira. Também estão registrados agradecimentos aos membros do Transcultura, um dos grupos de estudos da Faculdade de Letras, pelos encontros propositivos em torno de leituras e discussões raciais acadêmicas relevantes. Ao amigo e irmão Ivanilson de Souza, prestam-se agradecimentos por ter lido e comentado a primeira versão do texto, oferecendo oportunas sugestões de melhoria. Do mesmo modo, são feitos agradecimentos às amigas Fabíola de Oliveira e Elaine Pinheiro por terem lido o texto desta monografia visando oferecer melhoramentos à redação final. Não por menos, expresso meu agradecimento à professora Martha Alkimin por ter feito a leitura crítica deste trabalho.

RESUMO

A presente monografia tem por objetivo analisar poemas de Paulo Colina, um dos expoentes negros da literatura brasileira contemporânea. Para tanto, foram selecionados textos dos três livros de poesia publicados pelo autor: *O plano de voo* (1974), *A noite não pede licença* (1987) e *Todo fogo da luta* (1989). Nesta pesquisa, buscou-se pensar a seleção de oito poemas, analisados levando em conta o modo como a questão racial e o racismo surgem no projeto literário do poeta. Esse corpus investigado constitui uma mostra representativa da poesia do autor. Para tanto, adotou-se a metodologia de leitura crítica e interpretativa dos textos recepcionados como literatura afrorreferenciada. Paulo Colina é um dos fundadores do Grupo Quilombhoje, coletivo responsável pela edição dos *Cadernos Negros* de ficção e poesia. A recepção crítica de seus poemas evidencia a importante contribuição da obra dele para a literatura nacional.

Palavras-chaves: Paulo Colina; Literatura Brasileira; Poesia Contemporânea; Questão Racial; Racismo.

RESUMEN

La presente monografía tiene como objetivo analizar poemas de Paulo Colina, uno de los exponentes negros de la literatura brasileña contemporánea. Para ello se seleccionaron textos de los tres libros publicados por el autor: *O plano de voo* (1974), *A noite não pede licença* (1987) y *Todo fogo da luta* (1989). En este trabajo, se buscó pensar la selección de los ocho poemas analizados teniendo en cuenta la manera en que la cuestión racial y el racismo surgen en el proyecto literario del poeta. Este corpus investigado constituye una muestra representativa de la poesía del autor. Para ello fue adoptada la metodología de lectura crítica e interpretativa de los textos recibidos como literatura afrorreferenciada. Paulo Colina es uno de los fundadores del Grupo Quilombhoje, colectivo responsable de la edición de los *Cadernos Negros* de ficción y poesía. La recepción crítica de sus poemas demuestra el importante aporte de su obra a la literatura nacional.

Palabras clave: Paulo Colina; Literatura Brasileña; Poesía Contemporánea; Cuestión Racial; Racismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
UM “MODO DE LER”	12
POEMAS EM FOCO	15
A cidade	15
O passado, o presente e o “passado presentificado”	17
O signo do amor	20
O campo e a cidade	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

O objetivo geral da presente pesquisa foi investigar a poesia de Paulo Colina, recepcionando-a como literatura contemporânea marcada pela temática do racismo. Com esse intuito, admitiu-se alguns objetivos específicos: primeiramente, efetuar a leitura dos volumes de poesia do autor; depois, estabelecer uma seleta poética que consistisse no corpus de análise e, na sequência, proceder com a análise desse corpus. Os poemas escolhidos foram “Agosto” (2020, p. 41), “Campestre” (2020, p. 152), “Exílio” (2020, p. 68), “Forma e conteúdo” (2020, p. 122), “o medo que me acovarda” (2020, p. 31), “Presentimento” (2020, p. 130), “Pulsações” (2020, p. 58) e “Sentinelas” (2020, p. 53). Essa seleção de oito textos justificou-se por ser representativa do pensamento do escritor, no tocante às questões raciais brasileiras.

De acordo com Silvio de Almeida, “o racismo é sempre estrutural, ou seja (...) é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade” (2018, p. 15). Sua incidência ocorre através da instrumentalização de noções de raça, que estão permanentemente em ressignificação relacional e histórica. Quer dizer, o racismo engloba práticas, posturas e discursos, individuais e coletivos, que são institucionalizados e enraizados no imaginário social, estabelecendo hierarquias raciais entre negros, brancos, não negros, não brancos, além de outros grupos. Como consequência, os indivíduos na sociedade brasileira instauram, perpetuam e propagam desigualdades sociais com base em critérios raciais, que são construtos políticos contextualizados. Em síntese, esse foi o ponto teórico de partida desta investigação.

Paulo Eduardo de Oliveira nasceu em 1950 e faleceu em 1999. Ficou conhecido como Paulo Colina em homenagem à cidade de Colina, localizada na região de Ribeirão Preto, São Paulo, onde ele nasceu. Nas palavras de Oswaldo de Camargo, um de seus amigos e também escritor, Paulo Colina foi “poeta, contista, compositor de música popular e ativista dos mais entusiasmados na divulgação da cultura negro-literária brasileira” (2020, p. 13). Nos âmbitos dos estudos de literatura nacional, ele está entre os literatos cujas obras ainda precisam ser mais bem conhecidas e analisadas. Diante dessa lacuna, justificam-se os esforços de pesquisa empreendidos para recepcionar criticamente a poesia do escritor, com o intuito de que seus textos alcancem visibilidade e conquistem novos públicos. Assim, espera-se contribuir para que o trabalho com literaturas afroreferenciadas e indígenas na educação básica avance, conforme estabelece a Lei 10.639/2003 (atualizada pela Lei 11.645/2008).

Embora tenha sido contemporâneo dos escritores surgidos nas décadas de 1970 e

1980, em verdade, o poeta se situa à margem da própria “marginalidade poética” que caracterizou a literatura de grupos como o da poesia marginal. Certamente, nomes como Ana Cristina César, Cacaso, Chacal, Paulo Leminski, Francisco Alvim, Torquato Neto, entre outros, promoveram um movimento sociocultural capaz de reunir diferentes referências e experimentações que escapavam, por sua vez, aos paradigmas estético-literários vigentes então (NASCIMENTO, 2016, p. 25). No entanto, nesse mesmo contexto histórico, Paulo Colina esteve reunido a um grupo de escritores autodeclarados negros (BICALHO, 2014) que produziam e circulavam seus textos para além dos espaços onde a assim chamada “poesia marginal”, ou Geração Mimeógrafo, era lida e divulgada.

Durante a “década dos letristas”, múltiplos atores culturais se mobilizaram para acolher em seus repertórios, referenciais periféricos e marginalizados, visando evocar novos sentidos à literatura, a “arte feita com a palavra” (GUIDO, 2004). Tal efervescência corresponde ao período que foi chamado de “tempos de abertura” (1979-1985) no país. Ou seja, eram sinais da redemocratização que começava a se consolidar paulatinamente em diversos contextos da sociedade. Nesse sentido, em 1978, o país assistiu ao declínio dos “anos de chumbo”, isto é, ao fim da fase da ditadura militar conhecida como a mais repressiva. A isso sucedeu a gradativa reorganização do sistema político brasileiro, no que ficou conhecido como “distensão política”, iniciada pelos próprios militares, marcando a retomada da atuação pública dos movimentos sociais e artísticos em solo pátrio.

Pode-se dizer que essa conjuntura caracterizou-se pela intensificação das manifestações do povo no horizonte da reabertura política, social e cultural do país. Uma importante organização de resistência popular foi fundada nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, a saber, o Movimento Negro Unificado, cujo levante representou um novo e contundente grito contra o mito da democracia racial propalado pelos militares, entre outros atores sociais (PEREIRA, 2013, p. 227). A ditadura ainda perduraria mais sete anos, porém, assim como a Geração Mimeógrafo encontrou modos de resistir artisticamente, assim também outros coletivos, ao constituírem frentes de crítica e oposição aos problemas que grassavam no Brasil, apropriaram-se das artes, renovando-as e reinventando-as.

Foi então que, à “margem” da própria marginalidade poética referida anteriormente, em 1980, literatos reunidos no Bar Mutamba, em São Paulo, fundaram o Grupo Quilombhoje justamente no período de reorganização de movimentos sociais no Brasil. Esse movimento literário formado por Paulo Colina, Cuti, Oswaldo de Camargo, Abelardo Rodrigues e Jorge Lescano passou a abrigar a publicação dos *Cadernos Negros* de contos e poesias, que vinham

sendo editados desde 1978 (BICALHO, 2021, p. 01). Seu objetivo era evidente: expandir as referências afro-brasileiras na literatura nacional, divulgando valores, perspectivas, visões de mundo e ideias de autores negros e periféricos dos grandes centros urbanos do país. Nesse contexto, o poeta Colina encontrou oportunidade para publicar sua poesia. Em 1984, veio a público o livro *Plano de voo*. Em 1987, *A noite não pede licença*. Em 1989, *Todo fogo da luta*. Trata-se dos volumes que abarcam a produção poética do autor.

Diante disso, comenta-se a seguir um pouco sobre a metodologia adotada nesta pesquisa.

UM “MODO DE LER”

A elaboração desta pesquisa se deu mediante a adoção de procedimentos metodológicos baseados na perspectiva da experimentação crítico-poética. A noção de crítica empregada corresponde em boa medida ao que Josefina Ludmer define em “*Clase I*” como “*modo de leer*”, ou seja, uma entre outras “*formas de acción*” sobre determinado objeto (1985, p. 20). A “*crítica es un ejercicio concreto sobre objetos dados*” (1985, p. 26), neste caso, sobre a poesia. Assim, este estudo está pautado na noção de crítica como uma “*interpretación, descripción, lectura y evaluación de corpus concretos*” (LUDMER, 1985, p. 21). Ou seja, crítica designa aqui um exercício de aproximação do texto poético coliniano, o que não resultou em interpretações capazes de esgotar as possibilidades de sentido atribuíveis aos poemas.

A versificação livre (versos não metrificados, geralmente não rimados), que é uma característica marcante da poesia contemporânea, mostrou-se um desafio à análise formal dos poemas colinianos. Diante disso, respondem pela maior parte dos resultados da pesquisa, análises mais conceituais do que formais. Com o propósito de desenvolver a leitura crítica, buscou-se sustentar uma linha interpretativa que abrangesse e relacionasse os poemas entre si. O eixo em torno do qual esse exercício de interpretação foi desenvolvido compreendeu tópicos como a questão racial, racismo, relações raciais e outros termos correlatos. Em síntese, a leitura do corpus objetivou identificar o pensamento racial existente no projeto literário de Paulo Colina.

Domício Proença Filho (2018), em entrevista concedida ao Grupo Global, afirma que a poesia é (para o escritor e para o leitor) “um modo diferenciado de ver a realidade que passa muito pela emoção, a emoção transfigurada pela sua experiência interior. (...) é a emoção que mobiliza uma série de elementos da nossa sensibilidade e você transforma aquilo numa linguagem.” Em conformidade com essa perspectiva, operou-se a leitura interpretativa dos poemas a partir de noções como imagística e ritmo, ambas assinaladas por Proença Filho: “A imagística e o ritmo, quer dizer, as imagens que você usa, as palavras ganham um sentido que não é o sentido imediato e denotativo delas, e o ritmo.”

Isso posto, foram admitidos quatro eixos temáticos de análise visando organizar a interpretação da antologia, a saber: o signo da cidade, que perpassa quase todos os poemas de forma implícita ou explícita; passado, presente e “passado presentificado”, tópico relacionado

à perpetuação das desigualdades sociorraciais; o signo do amor, que aponta para uma das expressões da lírica coliniana; e, o contraste entre o campo e a cidade.

A pesquisa recupera poemas colinianos dos três livros, recentemente compilados pela Ciclo Contínuo Editorial em *Poesia Reunida* (2020). Quanto a isso, a seleta poética recepcionada consiste em um objeto caro a este estudo porque Paulo Colina “elegu a poesia como gênero da maior parte de seu trabalho” (BICALHO, 2014, p. 44). Ressalta-se que o amor, angústia, melancolia, solidão e sentimento de perda são temáticas que conjugam, entre outras, a lírica coliniana. Na relação direta com essa lírica, elas qualificam uma textualidade marcada por questões raciais.

No Brasil, a obra de Paulo Colina se insere em um campo informado por disputas políticas, teóricas e ideológicas. A multiplicidade de terminologias adotadas para referenciar esse campo revela diferentes posições de seus propositores acerca da literatura em questão. O conceito de literatura “negro-brasileira” é defendido por intelectuais como Luiz Silva, o Cuti (2010). O de “literatura afro-brasileira”, por pensadores como Eduardo de Assis Duarte (2010). Na década de 1980, o sociólogo Octavio Ianni já se referia a esse campo como o da “literatura negra”. Domicio Proença Filho escreveu um artigo em que estabelece um panorama sobre a presença do negro na literatura nacional e problematiza a especificação “negra”. Segundo ele, “mesmo uma designação aparentemente valorizadora, como *literatura negra*, de presença tranquila na área dos estudos literários desde os anos de 1970, traz, segundo entendo, o sério risco de fazer o jogo do preconceito velado.” (2004, p. 25).

Esta pesquisa não toma partido dentro dessa “disputa de domínio” (LUDMER, 1985, p. 02). Ao recepcionar os poemas colinianos, buscou-se situá-los no ponto de interseção em que os teóricos do campo possam minimamente se conciliar. Ora, a literatura nacional acomoda um conjunto heterogêneo de autores, obras, estilos e produções literárias, tanto na prosa de ficção quanto na poesia. Nesse sentido, a valorização da escrita literária afrorreferenciada, constituída por críticos, leitores, professores, representantes editoriais e outros sujeitos do circuito literário negro ou afro-brasileiro, destaca-se como aspecto importante. Logo, espera-se contribuir, a partir da presente investigação, para que as obras do campo mencionado circulem cada vez mais nos espaços de recepção e reflexão críticas.

Importa dizer que o termo “literatura afrorreferenciada” é utilizado neste trabalho para designar, de modo geral, o campo literário a que se referem terminologias como “literatura negra”, “literatura negro-brasileira”, “literatura afro-brasileira”, entre outras, as quais estão relacionadas à produção literária da diáspora brasileira e de outros contextos

correlatos que versam sobre temas, questões, valores e visões de mundo das populações negras.

De posse desses apontamentos metodológicos, seguem as análises dos poemas.

POEMAS EM FOCO

A cidade

A cidade é um signo onipresente na poesia de Paulo Colina. Isso pode ser confirmado mediante a leitura dos poemas lançados por ele ao longo da década de 1980. Tendo nascido e vivido em São Paulo (2020, p. 217), nesta metrópole enfrentou as implicações da discriminação e do preconceito raciais. Sua trajetória revela alguém consciente dos desafios resultantes do racismo. Desse modo, a correlação entre a biografia do poeta e sua poesia serve, em boa medida, como uma chave de análise da obra que ele assina. Ao falar desse escritor, evidencia-se aqui o que Conceição Evaristo (2009) define como uma escrita marcada pelas subjetividades de homens e de mulheres negras na sociedade brasileira. Certa feita, Colina se descreveu como “um repórter do dia a dia, da nossa realidade (...) um olho vivo nas vilas, favelas, cortiços, nos sambas, na cidade-vida nossa” (COLINA, 1973 apud BICALHO, 2014, p. 22). O sujeito da poesia coliniana “não aceita o lugar do negro, em suas andanças pela cidade demonstra-se contrário aos limites impostos ao corpo e à mente” (2020, p. 219).

O poema que inicia *Plano de voo* (2020, p. 31) é exemplar nesse sentido, embora não seja um texto que aborda um problema exclusivamente urbano:

o medo que me acovarda
a tesoura que me retalha
e poda
o pilão que me soca e
mói e soca
sentirão
amanhã
minha força
reforçada
pelo punho
do meu filho

A voz retratada nos versos acima é a de um sujeito que se assemelha a um pássaro engaiolado. Muitas reflexões podem ser feitas a partir disso. Em relação ao poema, o indivíduo padece as consequências do racismo, tal como a ave cativa sofre circunstâncias

típicas de um viveiro: engaiolada, podada e oprimida. Os versos livres, somados às rimas internas e irregulares, sugerem, por meio do ritmo alcançado com o texto, certa sensação de desconforto, o que alude a ambientes privativos marcados pela angústia e agonia. Desse modo, “o medo que me acovarda” é um texto que reflete as condições de vida de homens e mulheres historicamente implicados pelo racismo estrutural, daqueles que vivem reféns dos açoites cotidianos de opressão. Nessa esteira, o poema metaforiza problemas sociais, conforme experimentados em um contexto moderno capitalista como o da cidade de São Paulo, entre outros. Todavia, resta no fim uma esperança: “pelo punho/ do meu filho” aponta para as novas gerações como agentes de transformação.

O racismo está na base dos processos necropolíticos que “desenterram ossos e dores antigas” (2020, p. 54) Brasil afora. Tais processos se definem, por conseguinte, em termos da soberania de poder decidir quem vive e quem morre. A partir de Achille Mbembe (2019), conclui-se que o racismo é a expressão de um “poder brutal” operador de diferentes tipos de morte. Morte do corpo negro. Morte da população negra. Morte do seu futuro. Morte dos seus sonhos. O quarto e o quinto versos do poema metaforizam a intensidade com que essa violência sistêmica e estrutural acomete o negro. Algo que se expressa, no nível da forma, por meio do entrelaque fônico causado pelo encontro da sibilante /s/ com a oclusiva /c/, formadoras da palavra “soca”, bem como pela reiteração desse som nos dois versos citados, os quais constroem um jogo rítmico interessante: **me.so-ca; mo-i.so-ca**. No fim do poema, a voz do sujeito revela-se resistente. Não se prostra de todo. Ora, perante um “poder brutal”, faz-se necessária uma “resistência visceral”.

Outro texto também publicado em *Plano de voo* (2020, p. 53) parece revelar a tônica poética mobilizada a partir do signo da cidade:

SENTINELAS

Eram três
e era noite.

Eram três
e me cercaram.

Era noite
e seca a lâmina fina.

Três pivetes,
meninos sem nome.

Três afluentes do meu sangue.

Aqui a poética coliniana apresenta um acontecimento recorrente em grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, ou outro contexto cosmopolita. Uma metrópole financeira contemporânea qualquer, manjedoura do “precariado”, onde as contradições sociorraciais que são vivenciadas pelos negros se manifestam inclusive na “cobertura negraveludada/ da noite” (2020, p. 52).

A sonoridade desse que é o décimo quarto poema de *Plano de voo* construída pelo jogo de repetição do verbo “era”, associado à conjunção aditiva, seguido pelo numeral “três” entre as estrofes, elabora uma sensação rítmica de aflição. Note-se: aflição pela qual passa o sujeito, que, enquanto transita pela cidade, depara-se com três menores infratores. Três meninos que ele reconhece como seus semelhantes, “afluentes do meu sangue”. Logo, a ocasião envolvendo os quatro ilustra o agudo e lancinante histórico de exclusão sociorracial, em que mesmo alguém à margem pode ser acossado por outros também excluídos, aos quais toda sorte de privações desumaniza. É um texto intenso do início ao fim.

Observa-se também que o título desse poema, “Sentinelas”, acomoda uma sutil ironia. Ora, as sentinelas costumam ser retratadas na literatura como um símbolo da defesa e da segurança. São guardiães armadas que antecipam riscos em nome da proteção de pessoas e de propriedades. Todavia, ao poetizar acerca da modernidade, o poeta distorce o sentido básico da sentinela, conservando-lhe apenas a ideia de vigilância. Três “pivetes”, de fato, vigiam o transeunte. Colocam-se à espreita e flagrantemente mal intencionados. Carregam uma “seca lâmina fina” dispostos ao pior. No interior do poema, eis que pouco a pouco se escancara o cenário completo para um assalto ou para um roubo seguido de morte. Em outras palavras, o sangue e a lâmina conotam uma fatalidade iminente, um caminho sem retorno.

O passado, o presente e o “passado presentificado”

Conforme dito antes, valendo-se do signo da cidade, o poeta discorre sobre alguns dos efeitos do racismo. Para tanto, simboliza-o levando em conta o que de fato é: um problema histórico, sistêmico, continuamente perpetuado na e pela sociedade brasileira, matriz da subalternização dos negros e não brancos. Quanto a isso, o texto literário de Colina, em razão das cenas que a poesia sugere, desenvolve a reescrita do tempo histórico, de modo a elaborar uma encruzilhada de tempos característica dessa poética. Ou seja, diferentes poemas

sugerem imagísticas que, entre outros aspectos, representam o passado e o presente do país, no tocante às marcas permanentes do racismo estrutural evidenciadas na cidade. Dessa maneira, constituem o que se pode chamar de “passado presentificado” no projeto literário do autor.

Adotar essa perspectiva foi oportuno não apenas para a recepção dos poemas precedentes, mas também para a dos próximos. O texto a seguir, lançado em *A noite não pede licença* (2020, p. 130), amplia essa perspectiva:

PRESENTIMENTO

Maio,
Treze,
mil oitocentos e oitenta e oito,
me soam como um sussurro cósmico.

A noite sobressaltada
por sirenes me sacode.
Reviro os bolsos à procura do passe
que me permite, São Paulo, cruzar ruas
em latente paz.

A princesa esqueceu-se de assinar
nossas carteiras de trabalho.

Desconfio, sim, que Palmares vivo
é necessário.

“Presentimento” foi publicado em 1987, ou seja, um ano antes do centenário da abolição. Nesse texto, a “noite sobressaltada” reveste os céus da cidade por onde o sujeito negro transita. Ele está desassossegado. Quem sabe, o barulho das sirenes o faz pensar nos agentes policiais que patrulham a vida noturna na urbes. A rigor, conforme assinala Gustavo Bicalho, esse indivíduo se difere do *flâneur* de Baudelaire (2014, p. 12), pois enquanto o transeunte francês dispõe de liberdade para transitar de modo tranquilo dentro da metrópole, o transeunte de Paulo Colina lida com cerceamento e controle. Até deseja cruzar os “edifícios do centro capital” (2020, p. 60), mas tem seu trânsito impedido pela própria consciência condicionada. Falta-lhe a carteira de trabalho, isto é, o único item que legitimaria sua presença ali. Dessa maneira, vê-se que o poema alude, em tom irônico, às contradições, exclusões e marginalizações por que passa a população negra, que se repetem em tempos históricos

diversos. Um efeito fônico parece reforçar isso: “mil **oitocentos e oitenta e oito**”.

O texto ainda sustenta uma clara provocação. Ora, que soluções concretas a Abolição, ocorrida oficialmente em 13 de maio de 1888, teria promovido aos negros, em particular, e à sociedade de modo geral? A resposta é evidente. Entre os pensadores dos anos 90 do século XX, o sociólogo Octavio Ianni, no artigo intitulado “Literatura e consciência” desferiu um golpe público na ideologia da “democracia racial”, bastante em voga naquela época: “A República exclui o povo em geral e o negro em especial. A abolição não é acompanhada de medidas em favor do liberto.” (1988, p. 97). No tocante à paisagem urbana revelada pelo poema, ressalta-se mais uma vez como o passado e o presente se misturam na metrópole. Diante dessas configurações de opressão e morte constantemente ritualizadas pela discriminação, a voz poética conclama a restituição do Quilombo dos Palmares, símbolo máximo da resistência negra no Brasil.

Outro poema impactante a esse respeito é o que segue abaixo, lançado originalmente em *1984* (2020, p. 68):

EXÍLIO

Cansado de todos os fúteis
 Motivos
 que me obrigam ao combate

a outras sombras vivas
 de mim
 recolho-me (e ao sonho centenário
 de um outro quilombo)
 irremediável inquilino
 à senhoria tristeza

De forma parecida com a do poema anterior, o texto acima sugere rupturas, tristezas e desilusões sofridas pelo sujeito: “Os dias gotejam gotas/ de vida/ vaza que vaza torneira lenta” (2020, p. 55). Os versos apresentam-no como quem sofre profunda melancolia, como quem se ababela ante os “grilhões modernos” que o afligem: “o banzo desabará sobre mim” (2020, p. 110). Assim sendo, trazem à tona circunstâncias que remontam ao que Silvío de Almeida descreve como “estratificação social, um fenômeno intergeracional, em que o percurso de vida de todos os membros de um grupo social – o que inclui as chances de ascensão (...), de reconhecimento e de sustento material – é afetado.” (2018, p. 27). Nada

novo sob o sol.

No tocante às ocorrências tétricas poetizadas sobre esse “território ermo” na “esquina do mundo”, cabe perfeitamente a associação da obra de Paulo Colina à escrita marcada por uma “consciência trágica”, expressão de Zilá Bernd. (BERND apud COSTA, 2021, p. 2). Também é interessante como o título do poema, “Exílio”, sinaliza a condição espinhosa que acomete o sujeito. Mesmo tendo se passado séculos desde o retiro colonial forçado a seus ancestrais em África, nos tempos dos navios negreiros, ele precisa lidar permanentemente com desdobramentos disso, com consequências de um passado escravocrata constantemente atualizado. Vive circunstâncias análogas as de um desterrado. Não pertence. Não lhe permitem pertencer ou integrar-se à vida em sociedade, ainda que esta também seja estratificada em classes. Ocupando o degrau mais baixo da escala social, silenciado, recolhe-se à margem.

Desse modo, os versos “a outras sombras vivas/ de mim” sugerem, pelo recurso metafórico empregado (*sombras de mim*: massa de iguais), um indivíduo ao mesmo tempo parte de um todo e singularidade em relação ao todo. “Isolado/ embora juntos” (2020, p. 34), ele está consciente da conjuntura controversa em que se encontra. Lembra-se: é um pássaro negro no cativo. Ele faz plano, anseia, mas não pode voar. Naturalmente, a subjetividade que caracteriza esse sujeito remonta à profunda tristeza. Cerceado, resta-lhe sonhar com “um outro quilombo”.

O signo do amor

Em Paulo Colina, a abordagem do amor merece atenção. Segundo Gustavo Bicalho em “Do emparedamento solitário aos planos de voo: caminhos em Paulo Colina”, até mesmo esse tema surge impotente, embaraçado pelas implicações do racismo. O sujeito vagueia pelas ruas da cidade em solidão. Falta-lhe a perspectiva de uma vida amorosa integral. Assim sendo, o amor “seguirá (...) condenado à fratura cotidiana e como objeto do sonho utópico de reestabelecimento da unidade perdida.” (BICALHO, 2021, p. 11).

Os poemas de amor dessa poesia aparentemente não possuem marcas que correspondam à imagem clássica do amor romântico. No geral, a voz que se expressa nos textos espelha um sujeito “sem ímpeto para adentrar/ em meus próprios mistérios” (2020, p. 37). A todo instante desafiado pelos dilemas decorrentes do racismo sistêmico, pela “dor de outros tempos/ e corpos” (2020, p. 113), ele diz: “a vida é uma horda bárbara/ de sentimentos”

(2020, p. 119). Assim, não realiza odes, louvações ou enaltecimentos à mulher amada. A figura feminina é negra, tal como negro é o sujeito que a ela se dirige, mas, para além disso, pouco se sabe efetivamente sobre ela, nem mesmo suas qualidades.

Na verdade, esses textos de amor podem estar se referindo a muitas mulheres, pois nada permite afirmar que os encontros furtivos descritos pelo sujeito dizem respeito a uma mulher apenas, nem os que expressam o sonho inalcançado de liberdade, nem os que simbolizam encontros pretéritos. Imagem tímida, descolorida e borrada, esse alegado amor remonta muito mais a uma carência do que propriamente a afeições, afinidades ou reciprocidades de *espírito* compartilhados entre amantes. Tampouco a mulher amada se pronuncia no interior dos poemas. Em linhas gerais, esses textos de amor e eros parecem retratar um indivíduo muito mais açoitado pelo cotidiano de privações do que propenso ao amor.

No poema “Te estranho”, as ruas da cidade, descritas como “labirintos ecoando almas/ que não se encontram/ jamais” (2020, p. 64), sugerem a solidão como um impeditivo ao amor pleno. Todavia, se a fruição desse amor é improvável, incerta, o mesmo não se pode dizer do eros. No artigo intitulado “O preconceito não pede licença”, Eduarda Costa Rodrigues chama atenção para o fato de que vários poemas colinianos são “dotados de refinado erotismo” (2021, p. 13). A esse respeito, constam a seguir algumas considerações.

No prefácio da primeira edição de *Plano de voo*, Cláudio Willer ressalta que para o poeta de Ribeirão Preto, a “experiência amorosa carregada de erotismo, do contato com o ser amado” (2020, p. 26) é possivelmente um dos pontos de destaque na poesia coliniana. Isso porque, trata-se de um tema abordado com o melhor da concisão formal e conceitual adotada por Colina. Em outros termos, a voz poética do texto coliniano enfatiza o corpo, o eros e a sensualidade, talvez como forma de reivindicar o desfrute da liberdade e do prazer próprios à pessoa humana, opondo-se, pois, à vida enclausurada nas contradições e nas dores causadas pela discriminação e pelo preconceito.

O poema a seguir (2020, p. 58), publicado pela primeira vez em 1984, possivelmente ilustra isso:

PULSAÇÕES

Assim como a toque de sopro
e fome
desgoverno a mão
para buscar minha sombra

entre as pétalas em brasa
 a um palmo
 abaixo
 do cordão umbilical
 que te fazem de mim senhora,
 ardo em febre de vida
 a cada palavra
 em que transpiro
 um novo poema

Envolto em lirismo, o sujeito se reporta à figura feminina manifestando-se apaixonado e rendido a ela. De certo, o aparente paradoxo instaurado entre liberdade e submissão nesses versos se desfaz pelo que o poema sugere como um todo. O evento descrito quem sabe conote um tipo de submissão que humaniza, visto que, por meio de sua excitação endereçada à mulher, o indivíduo se afirma como pessoa plena e desejante perante um mundo que o desumaniza e animaliza. Por extensão, fica restituída e autorizada a esfera do eros que os dignifica como humanos, outrora obliterada pela objetificação e hiperssexualização promovidas pelos agentes coloniais (FREITAS, 2011). Nessa reparação simbolizada pelo poema, os amantes negros recuperam o status de pessoa. Afinal, o encontro dos dois parece metaforizar a superação da marginalização e da destruição necropolíticas de que são alvos os negros desde o escravismo.

Semelhantemente, o prazer erótico também parece metaforizar a fonte de inspiração para o fazer poético. Por exemplo, ao evocar as “pétalas em brasa” da figura feminina, envolto em “febre” e “ardor”, o sujeito de *Pul-sa-ções* enfatiza o corpo e o sexo da mulher como altamente inspiradores. O texto explora signos que a tradição literária associa ao amor, ao *eros*, e o faz de modo conciso. Observa-se no título a alusão ao coração que contrai e relaxa de modo cadente. Dessa maneira, o espelhamento das imagens líricas reunidas no poema resulta da escolha genial das palavras, do ritmo alcançado com a versificação do texto, bem como da presença dos versos livres. Em suma, a combinação entre a forma e o conceito é produtiva porque reforça o anseio do sujeito por poder gozar de liberdade, de prazer e de vida plena ao lado da amada.

O próximo poema, publicado em *A noite não pede licença* (2020, p. 122), converge com as interpretações feitas acima acerca do eros como inspiração.

FORMA E CONTEÚDO

Quero a rima no tremor
 de nossas carnes em delírio,
 paixão,
 no marulhar sudorento
 dos nossos corpos saciados.
 E só.

o poema quero branco
 puro espanto face porta
 arrebentada
 noite plena.

Em “Forma e conteúdo”, o uso da linguagem metalinguística é notório. O título, as estrofes e os versos que constituem o poema referenciam aspectos da própria produção poética, por parte do escritor. Especificamente desse texto de *A noite não pede licença* se depreende a associação figurativa entre sexo e inspiração artística. Talvez seja possível dizer que duas ideias de poesia se desdobram do poema. Uma diz respeito à poesia em termos de arte da palavra, aquela da mancha gráfica sobre a folha em branco, o poema. A outra, visivelmente mais forte, é alusiva à transa, ou seja, trata a poesia como uma cópula, poesia feita com corpos. Corpos de entes apaixonados. Corpos que se deitam e se entregam ao deleite recíproco.

Assim, a “rima no tremor/ de nossas carnes em delírio” indica o desejo do sujeito negro em relação à figura feminina a quem se dirige. A palavra “rima”, neste caso, simboliza a sintonia e a harmonia desse eros em que o “marulhar sudorento” conota a mistura dos calores, humores e odores dos amantes unidos no desnudar feroso e irrefreável. Na verdade, o que se interpreta é a expressão de um duplo anseio revelado pelo texto. Primeiramente, o do prazer carnal (intenso porque não concretiza). O segundo, subsequente ao primeiro, o de que essa poesia do amor se sobreponha à poesia do papel: “O poema quero branco/ puro espanto”. Quanto a isso, a assonância desses dois versos antecipa o desfecho de uma “noite plena”, expansiva e que não pede licença: “face porta/ arrebentada”.

O campo e a cidade

Diferentes apontamentos foram desenvolvidos anteriormente sobre a cidade enquanto um signo substancial da poética de Paulo Colina. Com a análise dos próximos poemas, pretende-se observar outro signo importante, a saber, o do campo. A esse respeito,

destacar-se-á a relação de oposição que se pode estabelecer entre os dois signos. Afinal, o contraste entre o campo e a cidade é um aspecto interessantíssimo da poética coliniana. Para tanto, apresenta-se um poema publicado em *Plano de voo* (2020, p. 41-2), no qual se torna evidente a referência às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

AGOSTO

exatamente a esta hora
 os garotos escondidos
 ao pé da porta cerrada
 do Banco Nacional
 entre camas de caixas
 rompidas
 de papelão
 e trapos de sono e sonho
 em quem tropeçamos todos os dias
 de manhã
 quando passamos pela Rio Branco
 em cadência comercial acelerada
 ao comando dos relógios de ponto
 já estão de velhos pelas ruas
 com seus estômagos de vácuo
 lustrando sapatos de couro cromo
 para-brisas de carros rancorosos
 vendendo flores feridas de abandono
 cascas de amendoim
 com as bocas gritando por substância
 ou a exigir com trancos
 (mãos de relâmpago nos bolsos
 pastas ou bolsas)
 e uma corrida desabalada
 ao imprevisível
 (ou nem tanto)
 o que lhes seria de direito
 (de há muito que cobramos
 esta dívida eterna)
 exatamente a esta hora
 soçobramos em um mar de pernas
 rostos coxas roliças bustos
 traseiros ondulantes
 pela Paulista São Bento Barão...
 (os olhos respingados de números
 cartas compromissos a saldar
 fichas de computação)

e desejos estéreis
 que iremos tentar adormecer
 sobre balcões e mesas
 tão logo nos cubra a agonia)

a esta hora exatamente
 a esta hora
 no Rio
 bombas explodiram
 madeira ossos estuque e artérias
 e aqui
 os edifícios não moveram
 sequer um músculo
 como sempre

Esse texto impressiona não só pela pujança de seus versos, mas também pelo retrato contundente que cria do Brasil contemporâneo – a partir do que, o autor escancara o racismo sistêmico. À semelhança de “Pequena balada insurgente” (2020, p. 43) e de “Sentinelas” (2020, p. 53), Paulo Colina põe meninos negros em cena. Estes, de certo modo, convertem-se no ponto mediante o qual a sucessão dos eventos descritos se desdobra para o leitor. É transitando um ambiente urbano como a Avenida São Bento, em São Paulo, que o sujeito se depara com exclusões e marginalizações sociais naturalizadas na cidade. Os corpos pretos dos meninos jazem, assim, em situação de rua, expostos a toda sorte de riscos e perigos: “destino de ratos? Até quando?” (2020, p. 75). Herdeiros de uma “dívida eterna”, estão abrigados entre as colunas do “templo financeiro” do deus Capital, pedindo socorro aos que, em ritmo frenético, passam indiferentes.

O impacto de “Agosto” decorre, em boa medida, do “realismo poético” através do qual disparidades sociorraciais são ilustradas. No caso, entre os que, de um lado, podem viver e os que, do outro lado, sobrevivem condenados a uma morte em vida. A imagem dos “garotos escondidos”, a das “camas de caixas rompidas de papelão” e os “trapos de sono e sonho” instauram, por conseguinte, uma sensação de vulnerabilidade e precariedade sustentadas no racismo estrutural. Além do que, o poema explora o ritmo frenético, desumanizante e frio da vida na cidade, ao mencionar a Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, em “cadência comercial acelerada” e os relógios de ponto que comandam o tempo da vida e do trabalho na cidade. Disso decorre um contraste entre aqueles que estão envolvidos no mundo dos negócios e os garotos, invisibilizados, à margem de tudo. O efeito fônico de aliteração do primeiro verso, “exatamente a esta hora” (*esta-ora: estora*), parece prenunciar o

que ocorre, depois, a esses meninos: “bombas explodiram”.

“Campestre”, do livro *Todo o fogo da luta* (2020, p. 152), apresenta oposições do signo do rural com cenários urbanos sugeridos pela paisagem poética coliniana.

CAMPESTRE

passado que nunca vivi
amplitude acalentada nos socavacos da mente

na brisa que andarilha
nenhuma lembrança de voz
prenúncios talvez de carícias

sem qualquer vestígio das cidades
a mulher recostada no mourão
trama não sei que passo
perdida em distâncias

ah destino contestado
o cenho franzido da lagoa
indecifrável
não pode me falar de paciência

recostado no mourão
o vulto da mulher arde
contra a chama pálida do sol
que resiste ao longe
borrando o lençol d'água

é chegada a hora de todas as verdades
uivo minha escuridão

Considerando-o a partir da metáfora bastante produtiva da ave negra apresentada em *Plano de voo*, o sujeito desse poema, agrilhado entre as gaiolas de aço existentes nos labirintos “de cimento armado da cidade” (2020, p. 133), sonha com “um passado que nunca vivi”. Sonha com a amplitude que o ambiente rural simboliza. Sonha porque, diz ele: “o campo sempre me seduz”. Assim, esse contexto alusivo às pradarias, à mata virgem, à natureza é apresentado como uma espécie de *locus amoenus* onde a vida, “sem qualquer vestígio da cidade”, haveria de ser satisfatória. Em suma, o que a ave engaiolada deseja é justamente a autossuficiência para voar, para ser livre. Isso referencia não somente a luta

antirracista promovida pelos segmentos negros no Brasil, mas também a busca e condição fundamental para o usufruto da dignidade humana: liberdade.

A atmosfera campestre, além de suplantar a da cidade, também aponta para a possibilidade de carícias, de amor. Quanto a isso, uma vez que o signo do amor erótico metaforiza o desejo de fruição da liberdade no interior da poesia coliniana, novamente a figura da mulher negra aparece e compõe esse quadro campestre idílico ao qual se refere o poema. O vulto dela, que arde calorosamente mais do que o sol, “recostado no mourão”, integra o topos ameno, assim concebido e ansiado pela voz poética do sujeito. Em outras palavras, a diferença contrastiva entre o rural e o urbano é ressaltada quando a figura da mulher emerge e desperta o sujeito. Sem qualquer relação com o cimento queimado predominante na cidade, o vulto dela irradia algo de maravilhoso, em oposição à chama pálida do sol. Portanto, o indivíduo descobre-se diante de uma verdade capaz de despertar a força e a liberdade tipificadas pelo “uivo da escuridão”. Eis um sujeito negro à procura de uma conexão com a natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz dos apontamentos discorridos na monografia, destacou-se que a poesia coliniana é um privilegiado objeto de recepção, não apenas pelo que representa para os leitores e críticos negros, mas também graças ao seu valor estético-literário, que se desdobra para a sociedade no geral, de modo significativo. Portanto, o corpus desta pesquisa foi lido como mostra de um pensamento poético crítico em relação ao racismo estrutural brasileiro, o qual, nas palavras de Almeida, “fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para as formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (2018, p. 16).

O anseio por liberdade marcou a escrita do poeta. A figura do pássaro negro em *Plano de voo*, a da escuridão expansiva em *A noite não pede licença* e a das chamas difusivas em *Todo fogo da luta* simbolizam isso. Esse desejo é algo tão presente na referida poética que o texto coliniano interroga o próprio signo negro, a fim de que dele não resulte outra espécie de clausura, por sua vez, baseada na raça. Afinal, “Bastaria ao poema apenas a cor da minha pele?” (2020, p. 119). Esse tema incita a análise crítica sobre como o poeta define e expressa sua negritude, tanto dentro quanto fora do contexto artístico – o que não foi explorado nesta pesquisa. Outras questões como essa também merecem novos estudos e investigações.

Até mesmo as principais conclusões alcançadas com a pesquisa servem como pontos de partida para investigações mais aprofundadas. Em primeiro lugar, observa-se que o poeta estabelece, no plano estético-literário e imagético de seus poemas, a interseção dos tempos histórico e contemporâneo, os quais conotam as contradições raciais persistentes na sociedade. Em segundo lugar, destaca-se que o racismo permeia as dinâmicas, interações e dificuldades representadas pela relação do sujeito da paisagem poética coliniana com a cidade por onde ele transita. Conclui-se também que o contraste entre o ambiente urbano e rural reforça a visão da cidade como um espaço racialmente contraditório, excludente e opressivo.

Ao identificar Paulo Colina como autor de poesia negra ou afro-brasileira, não pretendeu-se restringir a dimensão conceitual da obra dele a essa marca. Tomá-lo como poeta negro é, em boa medida, visibilizar o contexto histórico, político e social de onde o escritor parte para construir o sujeito poético de seus escritos. De certo, os múltiplos temas trabalhados na poesia coliniana, como amor, cidade, solidão, melancolia convergem com o trabalho de outros literatos nacionais no que se caracteriza como de literatura de valor universal.

Desse modo, os poemas de amor que constam de *Poesia reunida* (2020) são um corpus interessante e oportuno para estudos comparados entre a poética coliniana e a de outros escritores negros que também poetizaram sobre isso. Esta monografia acomoda a hipótese de que o signo do amor em Paulo Colina possui ao menos dois sentidos: o do amor como erotismo e o do amor como manifestação do *espírito* (uma espécie de “subjetividade efabulada”).

A poética dele é generosa em erotismo, ou seja, em referências ao sexo. Os poemas de amor que não possuem conotação erótica sugerem o amor platônico. Em todo caso, não foi identificado na poesia coliniana odes como, por exemplo, “Poema à mulher negra” (2008, p. 51), “Canto à mulher negra” (2008, p. 51) ou “Baianinha” (2008, p. 108) de Solano Trindade – talvez porque o sujeito da poesia coliniana tipificaria, na verdade, uma profunda e irremediável solidão.

Enfim, a poesia aqui recepcionada certamente contribui para o despertar da consciência político-social dos leitores, embora não se trate de uma *literatura engajada*, ou seja, não promova projetos e ideologias que remontassem a um engajamento político específico ou bem delimitado de raça ou de outra natureza. A potência metafórica que consta da poesia dele implode a postura de indiferença e apatia diante dos cenários a que se refere. Para citar Oswald de Camargo – anteriormente mencionado na Introdução deste trabalho – Paulo Colina “foi homem com todos os conflitos de homem; foi artista com a missão de corrigir ou melhorar o que estava fincado ao seu derredor.” (2020, p. 15).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio de. *O que é racismo estrutural?* 1ª ed. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- COLINA, Paulo. *Poesia reunida*. 1ª ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2020.
- BICALHO, Gustavo. *“Bastaria ao poema apenas a cor da minha pele?”: Imagens do arquivo afro-brasileiro de Paulo Colina*. (Dissertação) UFMG, Belo Horizonte, 2014.
- _____. **“Do emparedamento solitário aos planos de voo: caminhos em Paulo Colina”**. LITERAFRO. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/autores/colinacriticagustavo1.pdf>. Atualizado em: 24 ago. 2021. Acesso em: 07 mai. 2022.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **“Por um conceito de literatura afro-brasileira”**. Rio de Janeiro. v. 14 n. 23 (2010): Repensando as Histórias da Literatura.
- EVARISTO, Conceição. **“Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31. 2009.
- FREITAS, Marcel de Almeida. **“O cotidiano afetivo-sexual no Brasil colônia e suas consequências psicológicas e culturais nos dias de hoje”**. Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 5, n. 9, p. 63–68, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/1577>. Acesso em: 30 out. 2022.
- GUIDO, Humberto. “Literatura” In: SILVEIRA, Ronie; GHIRALDELLI JR (orgs.). **Humanidades**. Rio de Janeiro: Editora UNISC, 2004. p. 135-154.
- GRUPO EDITORIAL GLOBAL. **“Domício Proença sobre poesia e literatura - Série Ler o Mundo/5”**. YouTube. (5,52 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nZ-GgNwknv8>. Publicado em: 2018. Acesso em: 24 jul. 2023.
- IANNI, Octavio. **“Literatura e consciência”**. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros; Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura, nº 28. São Paulo: USP, 1988.
- LUDMER, Josefina. **“Clase P”** In: *Clases 1985. Algunos problemas de teoría literaria*. 2016. p. 17-29.
- MBEMBE, Achille. **“Poder brutal, resistência visceral”**. N-1 Edições. Série pandemia. Publicado em: 2019.
- Nascimento, Alexandre Vinícius Gonçalves. **“CÂNONE, CRÍTICA LITERÁRIA E POESIA MARGINAL”** In: **O hino dos libertinos: poesia marginal e ditadura no Brasil por meio da antologia “26 poetas hoje”, de 1976**. 2016. 149 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016.
- PEREIRA, Amílcar Araújo. **“A constituição do movimento negro contemporâneo no**

Brasil: primeiras organizações e estratégias (1971-1995)” In: “O Mundo Negro: relações raciais e a constituição do Movimento Negro Contemporâneo no Brasil”. Rio de Janeiro, Editora Pallas, 2013. p. 217-230.

PROENÇA FILHO, Domício. “**A trajetória do negro na literatura brasileira**”. **Cultura**. Rev.Estud. Av. 18 (50) , 2004. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100017>.

RODRIGUES, Eduarda Costa. “**O preconceito não pede licença**”. LITERAFRO. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/autores/colinacriticaeduarda2.pdf>. Atualizado em: 24 ago. 2021. Acesso em: 07 mai. 2022.

SILVA, Luiz (Cuti). **Literatura negro-brasileira**. Selo Negro, 1ª ed, São Paulo, 2010.
EVARISTO, Conceição. “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31. 2009.